



A CORAGEM DE OLHAR



Outro dia ouvi uma jovem comentar, quase com um suspiro de cansaço:

— Está muito difícil ser jovem em 2026. Aquilo me atravessou.

Porque, em teoria, a juventude deveria ser justamente o contrário disso. A fase da vida em que o entusiasmo é mais abundante, em que a coragem de experimentar o mundo pulsa forte nas veias, em que o desejo de inventar novas formas de viver deveria superar o medo de existir.

Mas só que não. Hoje não vemos isso acontecer.

Os jovens de hoje herdaram um mundo em que a conexão — esse gesto humano tão simples — tornou-se um território cheio de minas invisíveis. Especialmente para as mulheres, que cresceram aprendendo, com razão, a ler sinais de perigo em cada esquina: medo de agressão, de desrespeito, de violência, de abuso.

Esse medo não nasceu do nada. Ele tem história, tem estatística, tem feridas abertas na pele da sociedade.

Mas o que me preocupa é o efeito colateral silencioso dessa realidade: estamos nos tornando uma civilização blindada.

Outro dia li uma notícia dessas que fazem a gente piscar duas vezes. Na Inglaterra, dependendo do contexto, sustentar o olhar em alguém — e ainda por cima abrir um sorriso — pode ser interpretado como comportamento obsessivo. Em certos casos, pode até virar assunto de polícia.

Fiquei pensando no que acontece com uma sociedade quando o olhar — esse gesto tão antigo quanto a própria vida — passa a ser visto, antes de tudo, como ameaça.

Claro, não sejamos ingênuos. O mundo não é um poema de Rilke. Existe perseguição real. Existe invasão. Existe violência concreta. Há pessoas que transformam o olhar em instrumento de domínio, de intimidação, de controle. A proteção legal contra isso não apenas é legítima — ela é absolutamente necessária. Mas o que me inquieta não é a proteção.

É o clima.

Essa atmosfera rarefeita em que, antes mesmo de dois olhos se encontrarem, já parece existir um pequeno tribunal invisível avaliando intenções.

Porque o olhar, antes de ser problema jurídico, é fenômeno biológico e poético.

Bebês sobrevivem porque alguém os olha com ternura.

Amantes se reconhecem primeiro pelo olhar.

Amigos riem antes com os olhos do que com a boca.

E artistas — ah, artistas — vivem dessa electricidade sutil que passa de retina em retina.

Quando o olhar vira apenas potencial infração, algo na arquitetura humana começa a endurecer.

Talvez, o que estejamos vivendo não seja exatamente a criminalização do olhar. Talvez seja algo ainda mais profundo: o colapso da confiança entre estranhos.

Uma sociedade hiperestimulada, hipervigiada e hiperansiosa vai perdendo a capacidade de ler nuances. E quando a nuance desaparece, sobra apenas a regra dura.

Mas nenhuma civilização floresce apenas sob protocolos de defesa.

O humano precisa também de microatos de reconhecimento espontâneo.

Que hoje mesmo, o amigo leitor possa escolher deliberadamente um ato de afeto assim, sem mais nem menos.